

A TRADIÇÃO ORAL NA SALA DE AULA.

Publicado na Carta Educação – 11 de abril de 2007

A reportagem “O médico e a floresta” publicada na Carta Capital de 11 de abril de 2007 (número 439), põe-nos diante de um situação interessante: um médico notável e bastante popular (Dráusio Varela) e uma equipe de cineastas propõem-se a registrar, documentar, as histórias narradas por habitantes da floresta amazônica. Por que registrar essas narrativas? Que valores podemos encontrar nessa prosa espontânea, elaborada numa fala regional, que põem em cena o imaginário de um mundo perdido? Se levarmos em conta o homem urbano das grandes cidades e toda tecnologia informacional de hoje, que interesse há em ouvir histórias de gente simples?

Ao ouvir essa prosa solta, distante das normas gramaticais, o professor de Língua Portuguesa mais desavisado, sem formação em Lingüística e que não cultiva as diferenças culturais e lingüística, poderia simplesmente achar que um texto assim não deve ser objeto de estudo em suas aulas. Esse preconceituoso equívoco é bastante grave e revela uma visão de língua muito encurtada, que hoje estaria na contramão das mais importantes produções literárias e artísticas do mundo moderno e pós-moderno.

Carlo Guinzburg (*Olhos de Madeira*) afirma que entre a cultura douta e a cultura popular costuma existir uma relação circular (p.23). De fato, na literatura há incontáveis exemplos de obras que hoje são clássicas que tomaram como lastro imaginário alguma narrativa popular: *Romeu e Julieta* de Shakespere e *O Fausto* de Goëte são dois bons exemplos. No Brasil, sobretudo a partir do início do século XX, nossa literatura assume as narrativas populares como fontes de renovação não apenas do imaginário, mas sobretudo da forma de narrar e do próprio cultivo da “língua brasileira”. Comparemos a fala do índio Papaguara, um dos entrevistados na reportagem, com um trechinho do excelente *Macunaíma* de Mário de Andrade:

Papaguara

O curupira é assim, bicho que parece gente, com a ponta dos dedos do pé virada pra trás.

Mário de Andrade:

Macunaíma....topou com o Currupira moqueando carne, acompanhado do cachorro dele Papamel. E o Currupira vive no grelo do tucunzeiro e pede fumo pra gente, Macunaíma falou:

- Meu avô, dá caça pra mim comer?

- Sim, Currupira fez.

Cortou carne da perna moqueou e deu pro menino....

(p. 20)

Mário de Andrade é paulistano, mas emprestou seu ouvido aos narradores e poetas populares para construir sua estética literária. De sua viagem à Amazônia e ao Peru, extraiu o livro "Macunaíma". Quando, na década de 30, chefiou o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, fez questão de extrapolar suas funções e organizar uma expedição cuja missão era atravessar o norte do país registrando a cultura popular brasileira. Recentemente Luiz Adriano Daminello refaz o percurso da equipe de Mário e produz um importante documentário em que se podem ver imagens do documentário original. O documentário de Damiello justapõe imagens atuais às da equipe de Mário e dá-nos uma idéia da persistência do imaginário popular.

O documentário "História do Rio Negro", citado na reportagem, que terá Drauzio Varella como narrador, insere-se nesse esforço de registro e de revalorização da cultura popular. A reportagem cita também o documentário "A pedra do reino", série da Globo que estréia no mês de junho, baseada no romance de Ariano Suassuna, autor, que a exemplo de Mário, também recorta seu romance a partir de sua refinada escuta da cultura popular.

Se o ensino levar em conta que literatura e muitas outras artes renovam suas fontes na cultura popular, é possível a construção de um currículo de literatura que, em vez de estabelecer o tradicional cânone que opõe a tal literatura erudita à popular, busque exatamente a fecundação mútua entre elas.

Tanto narradores como o poetas populares poderiam freqüentar os livros didáticos e aulas de literatura sem nenhum demérito. Já no ensino infantil, podemos situar a base da poesia e da narrativa. Por exemplo, a escritora mineira Henriqueta Lisboa, como boa professora que era, organizou uma preciosa coletânea de contos brasileiros, que em 2002, foi relançada pela editora Peiropólis, *Literatura Oral para a infância e a juventude: Lendas, Contos & Fábulas Populares no Brasil*. Vejamos como a professora dentro da escritora via o papel da escola diante das possibilidades educativas do folclore:

Cabe, portanto à escola, apta a reconhecer a importância dos valores tradicionais como forma educativa, o ofício de resguardar e transmitir tal patrimônio. Os livros que lêem comumente os meninos de hoje, de aventuras inverossímeis, traduzidos em massa para o vernáculo, excitam a fantasia porém não alimentam a imaginação. A primeira é tão somente um jogo eventual; a segunda, o dom de intuir e inventar novas formas sobre os fundamentos do real e do autêntico" (p. 14)

Já no ensino infantil é possível perceber com clareza o prazer e a imensa curiosidade que as crianças experimentam e exercem diante de um mito, de um conto folclórico brasileiro – e aqui é importante frisar, "brasileiro" não por que se queira apregoar um nacionalismo,

mas pelos vínculos simbólicos que estão subjacentes na cultura familiar e regional da criança. Aqui vale a pena citar Manoel Bandeira, que em seu "Itinerário de Pasárgada" faz questão de mostrar que a origem de sua relação com a poesia está nesses momentos da infância quando ele ouvia histórias ou mesmo escutava a fala do povo da rua. A história da menina enterrada viva que recentemente encantou o público da TV Globo no seriado "Hoje é Dia de Maria" já havia comovido imensamente o nosso grande poeta. Vejamos um trechinho da impressionante cantiga:

Jardineiro de meu pai.
Não me cortes meus cabelos.
Minha mãe me penteava
Minha madrasta me enterrou
Pelo figo da figueira
Que o passarinho bicou.
Xô, passarinho!

No trechinho de uma das narrativas presente na reportagem, podemos notar um imaginário vigoroso, fantástico, capaz de encantar qualquer criança e oferecer imagens para desenho, pintura e até mesmo para novas narrativas: a imagem de um canoa em forma de cobra que abre a boca para que dela saiam pessoas e, ao mesmo tempo, a idéia de que alguns ficaram retidos e foram para o fundo do rio Negro, tornando-se seres encantados, como por exemplo, o lendário Boto.

Do mesmo modo que Tolkien extraiu de sua cultura todo o imaginário do "Robitt" e do "Senhor dos Anéis" e conseguiu torná-los universais a ponto de mover estrondosos sucessos de bilheteria no cinema, escritores brasileiros como Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Ariano Suassuna, Raul Bopp, Marcio Souza e tantos outros também conseguiram universalizar narrativas populares muito próximas a estas mencionadas na reportagem. O Macunaíma de Mario virou filme e foi muito bem visto no exterior; "Grande Sertão, Veredas" além de ter sido traduzido em muitas línguas, também é uma obra que já deu um belíssimo seriado para a televisão e ainda guarda potenciais para um maravilhoso longa metragem. A "Pedra do Reino" de Suassuna, está aí para estrear novamente em filme. Testemunhos sobre os personagens de Lobato, achamos que as próprias crianças podem fornecer à vontade.

Para entender um pouco mais sobre essa relação entre literatura e cultura popular, é interessante perceber a paixão e os radicalismos que movem os escritores. Tomemos um exemplo: Guimarães em seu livro "Grande Sertão Veredas" põe-nos diante de um narrador cuja entonação exige uma escuta refinada do leitor, este é obrigado a se

imaginar diante de um contador popular. É como se o autor nos dissesse assim: assuma a entonação do jagunço contador de história ou não leia meu livro. Muitos leitores acham o livro difícil, não conseguem curtir as belezas da narrativa de Guimarães porque não escutam a voz do narrador, acabam praticando uma leitura rasa, sem entonação, desprovida do ritmo que os contadores sertanejos imprimem em suas histórias.

Aliás, boa parte da prosa moderna exige do leitor uma escuta especial, talvez essa escuta que o documentário citado na reportagem queira trazer. De fato, os modernistas em geral conseguiram dar voz ao povo brasileiro e o resultado não poderia deixar de ser magnífico. Hoje há escritores portugueses e africanos, como por exemplo, Mia Couto, que não se constroem em assumir as influências dos modernistas brasileiros.

Já que a reportagem nos traz também o compromisso do cinema com os narradores populares, podemos citar Glauber Rocha, sobretudo o famoso "Deus e o Diabo na terra do sol", que é também uma obra magnífica que consegue ver, nas tensões do imaginário popular, matéria para reflexões importantes sobre o homem.

COMO LIDAR COM TODA ESSA RIQUEZA POPULAR?

Para não se perder diante da diversidade de textos que a cultura popular oferece, recomendamos que o professor adote alguma tipologia ou mesmo que assuma o tratamento por gêneros propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Não vamos definir aqui cada gênero, mas é importante fazer uma diferenciação mínima: mitos e lendas, causos, contos de fadas, contos de exemplos (fábulas), contos acumulativos, patacoadas etc – também se pode consultar sobre essas tipologias, o folclorista Câmara Cascudo ("Contos Populares do Brasil")

Outro compromisso importante é entender que se está trabalhando com a cultura ORAL e não com a escrita, sendo assim, as estratégias da contação, da escuta e da coleta têm que ser acionadas. Muitas escolas já adotam a estratégia de convidar avós de alunos ou mesmo moradores antigos do bairro para vir contar causos na escola. Esses causos, depois de ouvidos ao vivo, podem ser gravados e digitalizados com o objetivo de serem reutilizados em atividades de produção de texto ou mesmo em aulas de artes (desenho, pintura, teatro).

Coletar textos, organizar coletâneas na internet ou mesmo em um acervo na própria escola também é uma atividade rica e interessante para se lidar com a língua e, a exemplo dos modernistas e dos cineastas citados na reportagem, com as possibilidades de redescobrir o Brasil em suas cores mais autênticas.

Outra atividade interessante é tentar fazer um percurso literário que vai das lendas, mitos e outros textos da tradição popular brasileira às obras de autoria que são adotadas no ensino fundamental e médio. Neste percurso o aluno vai aprender que a cultura popular é uma rica fonte para os escritores em geral.

Vejamos aqui algumas possibilidades de combinação:

Ensino Infantil/ Primeiros anos do Fundamental	Fundamental 4º a 8ª. sereis	Médio
Escuta de lendas indígenas brasileiras	Leitura de Monteiro Lobato. O Saci / Caçadas de Pedrinho	"Macunaíma". Mario de Andrade.
Coletânea dos irmãos Grimm Contos de Perrault	Contos Populares organizados por Câmara Cascudo	Cobra Norato. Raul Bopp.
Coletânea de contos acumulativos e mitos	Coletânea de causos Pesquisa em sites:	"O coronel e o Lobisomem" de
Mitos brasileiros	Mitos brasileiros (narrativas dos índios Xavantes)	Márcio de Souza. A resistível ascensão do Boto Tucuxi. Editora Marco Zero.
"A Vida e Outra Vida de Roberto do Diabo" De Ricardo Azevedo	Guriatã.: Um cordel para menino. Marcus Accioly	Morte e Vida Severina ou auto de natal pernambucando. João Cabral de Mello Neto
Histórias de Bobos, Bocós, Burraldos e Trapalhães" De Ricardo Azevedo Projeto Editora	Auto da compadecida. Ariano Suassuna	Auto da Barca do Inferno. Gil Vicente

Dicas de site

Folclore Brasileiro.

<http://ifolclore.vilabol.uol.com.br/index3.htm>

(neste site há mitos, lendas, crendices, brincadeiras)

Site do Festival Internacional do Folclore – Município de Olímpia-SP

<http://www.folcloreolimpia.com.br>

Site sobre folclore (contém uma boa página sobre mitos amazônicos)

<http://www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/3contos/entesnor.html>

Referências:

GINZBURG. C. "Estranhamento: pré-história de um procedimento literário." In. *Olhos de madeira*. São Paulo: Companhia das letras, 2001. [pp. 15-41]

Lisboa, Henriqueta. *Literatura oral para a infância e a juventude: lendas, contos e fábulas populares no Brasil*. São Paulo: Peiropolis, 2002;

Filme: *A missão das pesquisas folclóricas*. Brasil, 1998. Direção: Luiz Adriano Daminello. Com Pascoal da Conceição, Marcos Azevedo, Andre Boll.